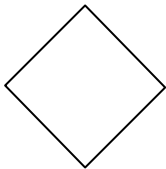


Epítome de uma tese sobre a criança na literatura e sociedade tradicionais angolanas*



Américo Correia de Oliveira**

P – É um areal de desengonçamento. ?Kisekele kia manginda-nginda?.

R – A criança move-se a seu tempo. ?Mona uendela bu kizuua kiê?.

(adivinha ambunda, Ribas, 1964:158)

1. Introdução

Na linha de dissertação do Mestrado, intitulada "O ciclo de contos de ogros na tradição oral angolana (Impressão em Português)", procedeu-se à compulsação/levantamento do acervo da literatura angolana de tradição oral, a fim de permitir a constituição de um *corpus*, o mais completo possível, que facultasse o "retratamento" da criança angolana na referida literatura.

Ao invés do mundo académico em que imperam as teses "étnicas", pretendeu esta abarcar Angola na sua totalidade multifacetada e pluriétnica, através das diversas "formas de texto". Tal tarefa, contudo, não pôde contemplar o mundo infantil branco e a quase totalidade do mundo infantil mestiço, porque de acervo inexistente, no primeiro caso, e raríssimo, no segundo.

Procurou-se, na parte introdutória, clarificar conceitos pertinentes e nem sempre objecto de consenso, nomeadamente: a designação de literatura oral e/ou tradicional e/ou popular; a problemática dos géneros literários angolanos, por nós apelidados de "formas de texto", domínio em que as fronteiras se

* Conferência proferida na ESEL, em 19 de Janeiro de 2000.

** Professor adjunto da ESEL, doutorado em Estudos Portugueses – Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa.

apresentam, por vezes, indistintas, como por exemplo entre as adivinhas e os provérbios e entre estes e as canções; o conceito de criança na sociedade tradicional africana, designadamente angolana, que teve que ser submetido a várias balizas delimitadoras: desde o ser nascituro até ao circuncisando, humano ou animal; optou-se, ainda, na impossibilidade de maior precisão, pela característica de dependência, quando explícita, e pelas denominações marcadas pelo traço sémico [+ pequeno].

2. Objecto(ivos) do estudo

A tese pretendeu atingir, essencialmente, as seguintes finalidades:

a) Constituição de um acervo de *corpora*, o mais abrangente e exaustivo possível, colhido em espécimes bibliográficas, com excepção de jornais, exclusivamente em Português, editados até 1996 inclusive, em que a criança desempenhe, no caso das narrativas, o papel de actante, no sentido greimasiano do termo, ou constitua objecto de referência, nas restantes "formas de texto". Cada "forma de texto" — respeitante a determinado colector/compilador singular, no caso das narrativas; ou, agrupadamente, nas restantes "formas de texto" — comportou no seu término um quadro referencial, onde figuraram os seguintes verbetes, por ordem: grupo etnolinguístico, "forma de texto", língua(s), informador, data de recolha, local, forma de recolha, tipo de tradução, colector.

Incluiu-se, no fim dos *Corpora*, um glossário, constituído pelo vocabulário português grafado com aspas, no texto original ? portanto, com significação peculiar ? e pela maioria do vocabulário de origem linguística banta, aporuguesado ou não, constante dos *Corpora*.

Os *Corpora* foram ordenados de acordo com os grupos etnolinguísticos, segundo os eixos Norte-Sul e Oeste-Leste, e obedecendo a critérios alfabéticos e de antiguidade, no respeitante aos colectores/compiladores e respectivas obras.

Conforme consta da nota introdutória dos *Corpora* (tomo II da tese), estes foram objecto de uniformização, na medida do possível, no respeitante à ortografia, à pontuação e aos sinais diacríticos. As canções pertencentes às narrativas foram realçados no conjunto da mancha gráfica, através da utilização da grafia em itálico e do espaçamento em relação ao texto narrativo propriamente dito.

b) Perspectivar a literatura tradicional angolana de transmissão oral, impressa em Português, nos seus vectores taxinómicos.

c) Patentear a imagem/representação da criança angolana na literatura de transmissão oral, impressa em Português, e, na medida do possível, estabelecer um contraponto com a criança "real" da sociedade tradicional angolana, descrita nos livros da especialidade.

O propósito principal foi delinear um quadro de tipologias imagéticas da criança, e viabilizar o enquadramento dessas tipologias num número reduzido de matrizes paradigmáticas que evidenciassem e subsumissem as imagens e representações que os criadores e/ou contadores e colectores, de forma mais directa, e os ouvintes singulares e colectivos, de modo mais indirecto, projectaram da criança, tendo em conta, sempre que possível, algumas distorções introduzidas, explícita ou implicitamente, pelos informadores e colectores, no contar, na recolha e no registo escrito.

3. Corpo da tese

3.1. Dos *corpora*

A selecção dos textos constitutivos dos *Corpora* procurou abranger todos os chamados "géneros" tradicionais existentes, por nós apelidados de "formas de texto", designadamente: 267 narrativas; 549 provérbios; 83 adivinhas; 59 canções; 11 orações; 22 *varia* (5 historietas; 7 motejos; 2 passatempos infantis; 4 ritos e 4 vozes de animais). A única marca discriminativa foi a circunstância da criança figurar, no caso da narrativa, como actante, no sentido greimasiano do termo, ou simplesmente figurante; nas restantes "formas de texto", aceitou-se, sem qualquer restrição, a "criança" como objecto de referência ou destinatário.

O traço "impressão em Português" implicou uma consulta e selecção, pretensamente exaustivas, de todas as obras impressas em Português até 1996, inclusive. Foram considerados todos os espécimes bibliográficos, objecto de edição impressa em Português, com excepção dos jornais.

3.2. Angola e as suas gentes

Neste capítulo, procurou estabelecer-se o cômputo geral da população angolana, composição racial e distribuição etnolinguística, bem como apresentar uma sucinta classificação sócio-cultural dos referidos agrupamentos etnolinguísticos.

3.3. A literatura tradicional angolana de transmissão oral, impressa em português

Após a enumeração de algumas tipologias da tradição oral africana (Shorter, 1974; Vansina, 1966/1982 e Aguessy, 1985) e angolana (Mário Milheiros, 1967; José Redinha, 1975), foram expostas as principais classificações das formas de literatura tradicional angolana de transmissão oral, nomeadamente as de Héli Chatelain (1888-89), Estermann (1960a) e b), 1961 e 1983), Viegas Guerreiro (1968), Martins Vaz (1969), Óscar Ribas (1962, 1964 e 1979), António da Fonseca (1984) e, por último, Zavoni Ntondo (1989).

Às tipologias, respeitantes à narrativa tradicional angolana de autoria dos especialistas precedentes, acrescentámos as de Adriano Barbosa (1973), Vicente Martins (1971), Estermann & Joaquim da Silva (1971), José Valente (1973) Cacueji (1987) e Adriano Barbosa (1990). Foram referidas algumas tipologias da narrativa tradicional moçambicana (Junod, 1975; Viegas Guerreiro, 1966/1974; Lourenço do Rosário, 1989) e da Guiné-Bissau (Pinto Bull, 1989).

Efectuou-se a descrição do historial da edição do acervo da literatura de tradição oral angolana, com a especificação exaustiva dos espécimes bibliográficos e do cômputo discriminado das respectivas "formas de texto".

3.4.A criança na literatura tradicional angolana de transmissão oral, impressa em Português

Em relação ao *corpus* de 265 narrativas, foi delineada uma "paradigmática dos actantes e situações (inicial e final)", de modo a possibilitar não só uma visão panorâmica do papel actancial da criança, como da trama narrativa.

As percentagens verificadas nas diversas categorias de crianças-actantes, frequentemente coexistentes, foram as seguintes:

- ? Sujeito: 51,7% do total.
- ? Objecto: 39,3% do total.
- ? Destinador: 48,7% do total.
- ? Destinatário: 68,5% do total.
- ? Adjuvante: 34,5% do total.
- ? Oponente: 18,7% do total.

A criança é sujeito-actante unicamente em 51,7% das narrativas, o que, à partida, revela que somente metade das narrativas do respectivo *corpus* é protagonizada por crianças. Por outro lado, em 48,7% e 68,5% respectivamente,

as crianças são a "causa" (destinador) e os principais "destinatários" (destinatário) das mesmas.

Como é natural em narrativas maioritariamente constituídas por actantes sujeito, destinador e destinatário, só uma minoria das crianças são actantes-opponentes: estes, em grande parte, os "maus da fita" ("vilões", anti-heróis), "protagonizados" por crianças ostras ou escravas.

No domínio da classificação tipológica da criança tradicional angolana, foi efectuado um historial crítico das tipologias relativas a África (N'Da:1978; Gauthier:1987; Gorog-Karady & Seydou:1982; Meyer & Gorog-Karady:1984; Gorog-Karady & Ursula Baumgardt:1988), sendo salientada a falta de qualquer critério de classificação que presidiu às referidas tipologias, facto que as transformou em meras etiquetas ambíguas.

Apresentou-se uma tipologia baseada em "traços comuns (mínimos) de conteúdo": o de ocorrência [\pm frequente] e de valoração [\pm anormal]. A conjugação destes dois semas fez surgir os pares lexemáticos antónimos: vulgar [+ frequente/ - anormal] e invulgar [- frequente/ + anormal].

Seguindo este princípio, a "criança" dos *Corpora* foi ordenada nos seguintes tipos e subtipos, talvez meras "etiquetas cómodas", facilitadoras duma primeira "arrumação" das crianças representadas nos *Corpora*:

1. Tipo invulgar com os seguintes subtipos:
 - 1.1. deficiente, portador de quaisquer anomalias físicas, psíquicas ou mentais, no sentido actual de "deficiente" (*deficiens*: visual, motor, auditivo, mental, etc.);
 - 1.2. gémea;
 - 1.3. mago-autotélica, possuidora das seguintes características cumulativas: a) sobredotada, possuidora, à nascença, de marcas "físicas" ou mágicas e do dom da presciência; b) nascimento prodigioso, resultante de interferência de agente externo, normalmente consequência de promessa em momento de penúria alimentar ou perigo iminente ("auto-gerados" ou "gerados" por ogro, ave, Deus, elemento sobrenatural); c) precocidade na aquisição prematura da linguagem e/ou de desenvolvimento físico ("fala no ventre", autodenominação; crescimento rápido); d) dotação de um "programa de vida" (autotelismo); e) domínio dos elementos da Natureza ("pacto mágico");
 - 1.4. mago-não-autotélica: detentora de dons mágicos, congénitos ou adquiridos, sobredotada, desde que não abrangida pelos tipos de criança, referidos nos pontos 1. 1., 1.2., 1.3. e 1.5.;

- 1.5. monstro [ogrita (de "puro sangue"; ou mestiçada, de origem ogra e humana ("ogrita-gente"); "animal-gente", de origem animal e humana; animal ou monstro, exclusivamente, de origem humana)].
2. Tipo vulgar com os seguintes subtipos:
 - 2.1. escrava, de nascença ou não (raptada, objecto de compra e venda);
 - 2.2. guerreira (sujeito implicado, ou em tempo de guerra, desde que criança vulgar);
 - 2.3. órfã (no sentido de não "usufruir" de um ou de ambos os progenitores, por morte, separação, abandono ou perdimento; criança abandonada; enteada; adoptada; "ilegítima");
 - 2.4. comum ("ordinária", não-escrava, não-órfã, não-abandonada, não-guerreira).

A co-ocorrência de dois tipos ou subtipos na mesma narrativa não é rara: criança escrava e criança órfã; criança maga e ogrida; gémeos e crianças autotélicas, por exemplo.

A) Em relação à criança invulgar-deficiente na literatura de tradição oral e na sociedade tradicional angolana, foi feito um levantamento tipológico das deficiências, sua etiologia e relação com os papéis protagonizados, bem como o delineamento do respectivo perfil.

Os Corpora recobrem a quase totalidade das deficiências que, quando congénitas, são marcas do sobrenatural, prenunciadoras de percursos heróicos; quando adquiridas, servem, essencialmente, finalidades educacionais.

O deficiente, à partida, é sempre uma vítima do comportamento inadequado ou injusto dos outros, da feitiçaria ou do destino. Poderá ser marginalizado, sendo mesmo expulso pela comunidade, amedrontada com a manifestação ominosa do sobrenatural, porque marca congénita de feitiçaria. O desfecho eufórico destas narrativas realça, quanto a nós, a natural fragilidade da criança deficiente.

A literatura etno(gráfica)lógica não é consensual face aos deficientes, embora releve maioritariamente o que a literatura de tradição oral confirma: a criança deficiente é sempre algo de incompleto, por isso de difícil integração social? os ritos de passagem são todos mutilatórios, nunca "completivos" ou correcionais, no sentido físico do termo.

B) A criança invulgar-gémeos dos *Corpora* foi classificada em três grandes grupos:

1. Os gémeos-heróis, heóis-fundadores, na maioria dos casos, magos possuidores de poderes mágicos de manipulação e presciência, temidos

e venerados, defrontadores de monstros — na forma de ogros, "humanos" ou não-humanos — de feiticeiros e até de deuses.

2. Os gémeos-vítimas:
 - 2.1. objecto de abandono, criados por amas, animais ou divinas, a quem só resta o poder de alguma clarividência patenteada, sobretudo, no reconhecimento dos irmãos e/ou pais;
 - 2.2. irmãos desavindos: aquando do respectivo casamento, a irmã atraiçoa e provoca a morte do irmão que, por sua vez, ressuscitado, exerce vingança, mortal e irreversível (tentativa de fuga ao constrangimento gemelar/incestuoso ou desqualificação misógina?);
 - 2.3. assassinados pelo pai/avô, no caso dos gémeos albinos congueses de origem régia.
3. Os gémeos "suicidas" (que decidem não nascer).

Os três tipos de gémeos pressupõem todos eles uma grande "carga de força" que lhes possibilita a sobrevivência ou a opção pela vida ou pela morte. Nenhuma das narrativas, ou outras "formas de texto", faz menção da morte dos gémeos abandonados. A narrativa, em que os gémeos optam por não "vir ao mundo" talvez seja, por isso, reveladora dum poder inato que lhes permite escolher a ocasião oportuna para nascer. Caberão, em nossa opinião, nesta grelha de alíneas, *supra* dos *Corpora*, os diversos tipos de gémeos a que os etnó(grafos)logos fazem referência.

C) A criança invulgar-mago-autotélica só é referida nas "formas de texto", não constando da literatura (etno)antropológica, devido ao carácter essencialmente mítico deste subtipo de criança.

A gestação/nascimento extraordinário — fecundação desconhecida ou *ex ovo*; em época de fome; prometido de antemão ao ogro; fala no ventre e nascimento munido de armas; faculdade de se auto-designar — o crescimento rápido (sem infância, sem aprendizagem e iniciação), a precocidade e o controle de "séquitos" de seres de toda a espécie contribuem, sem dúvida, para que alguns africanistas considerem estas narrativas, protagonizadas por crianças "extraordinárias", verdadeiros mitos, e as suas personagens infantis, seres mitológicos.

São contendores divinos, porque rivais de Deus, "matadores" de ogros de toda a espécie, porque possuidores de presciência e do comando do melhor exército do mundo, constituído por animais e seres de toda a espécie, nomeadamente, autênticos "esquadrões" infantis (crianças guerreiras).

Constituem seres primevos, enfrentando o caos e os respectivos fazedores, restaurando a ordem, condição para que a vida, em fase de extinção, continue.

D) Quanto à criança invulgar-mago-não autotélica, a única marca distintiva que parece separá-la da criança mago-autotélica é não ser detentora, à nascença — prodigiosa na autotélica — de "armas", e não ser dotada de autotelismo ("programa de vida" auto-delineado, até onomasticamente), visto que outras marcas, como a magia, sobredotação, são comuns às crianças autotélicas e não-autotélicas. Outras faculdades, como a precocidade e o estabelecimento de "pactos mágicos", não são inerentes a todas as crianças mago-não-autotélicas.

Estas crianças assumem papéis de seres privilegiados, receptores de objectos mágicos e/ou contraentes de "pactos mágicos" — prémios pela sua discipulação, acatamento do castigo, e pela "educação" demonstrada. Esses meios mágicos permitem-lhes sobreviver à injustiça, exercer justiça mortal sobre assassinos, salvar os adultos, apesar do desprezo e das ofensas corporais de que são vítimas por parte dos seus conterrâneos.

A totalidade das crianças "justiceiras" é do sexo masculino, não fugindo, nesse aspecto, ao figurino da criança autotélica.

E) A criança-monstro subdivide-se em três grandes grupos, de acordo com o seu "cruzamento biológico":

1. crianças-ogras, filhos de ogros (ogritos) ou de pessoa e ogro.
2. crianças-animais que, por sua vez, se subdividem em:
 - 2.1. crianças-animais, filhas de ser humano e animal.
 - 2.2. crianças-animais, filhas só de pessoas.
3. criança-teratológica (evidenciando deformações corporais).

Difícil foi diferenciar a criança-monstro de alguns subtipos de criança, como a mago-não-autotélica ou a deficiente, em virtude de algumas delas serem objecto de comportamentos sociais de evitação similares — abandono ou expulsão — e todas elas apresentarem traços alienígenos, e algumas serem dotadas de poder mágico ? essencialmente a capacidade de se auto/heterometamorfosarem.

É, no fim de contas, o poder de auto e heterometamorfoseação que permite àquelas crianças-monstros, que dele são detentoras, abandonar a margem da alienigeneidade e integrar-se de pleno direito na sociedade humana, ostentando os poderes mágicos de que a maioria não dispõe.

F) A criança vulgar-escrava é objecto de uma retratação físico-psicológica.

O quadro que a literatura de tradição oral angolana e a respectiva sociedade tradicional nos oferecem da criança escrava poderá traçar-se nas seguintes linhas de força:

1. A criança escrava é sempre vítima, mesmo quando tenta "escravizar" (vitimizar) a criança livre de quem é serva, porque o seu objectivo último é fugir à sua condição de escrava.
2. Está condenada a um *status* de subalternização, mesmo que, por vezes, mitigado.

G) A criança vulgar-guerreira só consta do acervo da literatura de tradição oral, que não da etno(gráfico)lógica.

As narrativas em que "figuram" crianças-guerreiras talvez sejam o resultado do olvidamento face ao que se designa como a participação das crianças na guerra que a "opinião pública" quer que seja (ou conste) de adultos e não de "infantes". Se os provérbios chamam a atenção para o perigo que representa a criança guerreira (em fase de treino), as adivinhas permitem-nos, com a metáfora do capim, erva velha como o mundo, concluir — pelo menos no mundo ficcional, já que do outro não possuímos quaisquer dados — que as crianças faziam parte dos exércitos dos "antigos reis de Angola", atirando com o arco, ou, mais modernamente, "disparam a espingarda na guerra", enquanto os "velhos apenas estão de pé".

Num segundo plano, que não menos importante, destaca-se o papel da criança como sentinela atenta, "guia", hábil desviador das hostes inimigas, porque a idade facilita-lhe o uso pleno dos "sentidos de vigilância", e, simultaneamente, propicia o ludíbrio dum inimigo crédulo na ingenuidade infantil que a deficiência reforça.

De fora desta tipologia, ficam outras crianças, guerreiras de outras guerras que não sociais, as mago-autotéticas e não-autotéticas, os gémeos e, mesmo, algumas crianças vulgares: combatentes ardilosos, sentinelas permanentes, defrontadores de ogros e perigos de toda a espécie — obstáculos esses geralmente do foro íntimo e, por isso, raramente exigindo um enquadramento militar estratégico, passivo ou negativo, que as "guerras sociais" exigem da criança vulgar-guerreira.

H) Em relação à criança vulgar-órfã, é elaborada uma tipologia dos agentes de vitimização e respectivas circunstâncias.

O universo ficcional das narrativas deixa transparecer que, por detrás dum órfão, pode estar sempre um antepassado longínquo ou próximo: a falecida mãe que intervém a favor do filho desvalido, normalmente quando é ofendida pela sua "consorte", a "mãe social" do filho. Ofender os mortos, ou antepassados, parece ser um risco que só as "mães sociais" (madrastas) têm a ousadia ou a temeridade de enfrentar: — ciúme cego ou uma reflexão sobre a dificuldade insuperável que é assumir, no quotidiano, uma falsa maternidade?

Na literatura de tradição oral ou do foro etno(gráfico)lógico, a criança evidencia um estatuto de fragilidade, em especial a órfã — sob a forma de adoptada, enteada, abandonada ou "ilegítima" — para quem um dos únicos baluartes é a intervenção de um dos pais vivos, em especial a mãe, ou então a "presença" da família do "outro mundo".

I) Foram analisadas as seguintes facetas da criança vulgar-comum na literatura de tradição oral, contrapostas, na medida do possível, às da criança da sociedade tradicional angolana:

- a) A criança do nascimento à puberdade.
- b) As actividades da criança (lúdico-laborais).
- c) *O status* da criança.
- d) A educação da criança.
- e) A criança no microcosmo familiar e extra-familiar.
- f) As características da criança vulgar-comum.
- g) A vitimização da criança.

Alguns destes domínios são homólogos de domínios, nos quais figuram outros tipos de crianças.

A criança vulgar-comum é a personagem predominante nos *Corpora*: mais de 50% em todas as "formas de texto", atingindo percentagens de mais de 70% do total, nos provérbios (84,9% do total), nas adivinhas (78,3% do total), e nas orações (90,9% do total), sendo a sua representatividade de 54,7% (do total), na narrativa, a "forma de texto" que maior espaço ocupa nos *Corpora*.

Algumas observações conclusivas poderão efectuar-se em relação às áreas pelas quais optámos por analisar a criança vulgar-comum, do nascimento à puberdade, na literatura de tradição oral e na sociedade tradicional angolanas:

- a) Os perigos que rodeiam a gravidez, o parto e os primeiros dias do recém-nascido são imensos, sendo necessário precaver-se contra eles, através de ritos e tabus extremamente rígidos. Todos estes cuidados são, porém, compensados com a alegria do novo filho, para a família e para a aldeia.
- b) A imposição do nome de nascimento é um acto importante: o nome pode ser fixo, designadamente no caso dos gémeos, ou obedecer a intenções propiciatórias ou de esconjuração dos espíritos.
- c) Os filhos são, na maioria dos casos — porque se trata de sociedades predominantemente matrilineares — pertença da "família materna" cujos laços são reforçados com visitas obrigatórias de apresentação dos novos filhos aos avós maternos, visitas essas magnanimamente presenteadas.

- d) A responsabilidade pela criação e acompanhamento da criança pertence à mãe, *grosso modo*, até aos 6-7 anos, idade a partir da qual os rapazes passam para a alçada paterna, continuando as raparigas na companhia das mães. Muitas vezes, do desmame até ao período supra-mencionado, a criança é entregue a familiares ou, até conhecidos, mas sempre sob a vigilância materna.
- e) Acredita-se no velho princípio da hereditariedade biológica e social, "tal pai, tal filho", que é, porém, contrabalançado (para que as certezas proverbiais não sofram abalo) por ditos opostos:

Pau de mandioca dá doce, dá amarga.

(provérbio conguês, Martins, J., 1968:107)

Os filhos de passarinho verde nascem envolvidos em imundície; os filhos dos grandes nascem na posse de bois.

(provérbio nhaneca-humbe, Silva, A. J. da, 1989:241)

- f) A importância que a criança assume vai impelir a família a exceder-se nos cuidados alimentares, medicinais e outros (como algumas "fábulas" exemplificam), como a aquisição de amas — as "más da fita" das narrativas, com excepção das amas -de-leite, animais, dos gémeos.
- g) Os ritos de puberdade, diferentes de grupo para grupo, são etapas "duras" e que marcam, mais social que biologicamente (à excepção das raparigas), a transição para o mundo dos adultos.

a) Actividades da criança vulgar-comum na literatura de tradição oral e na sociedade tradicional angolana

As actividades infantis predominantes são as lúdicas, mesmo que se revelem de interesse para a economia familiar (caça pequena, recolha de frutos, pastoreio, ordenha, etc.).

Desde muito cedo, procede-se à diferenciação das actividades quanto ao sexo (nalguns grupos, como nos Lundas-Quiocos, as crianças são logo distinguidas, à nascença), sendo, inicialmente, a responsabilidade por essa distinção das mães e das "classes de idade infantis" e, mais tarde, dos pais, tios e da própria sociedade. Não é, por isso, de bom tom realizar tarefas que correspondam a pessoas do sexo oposto.

As tarefas "duras" e "impossíveis" atribuídas às crianças vulgar-comuns — por vezes, às órfãs e às escravas — na literatura de tradição oral não constam dos textos etno(gráficos)lógicos. Qual a objectividade dos dois "géneros de

literatura" ou que desígnios ideológicos encobrem descrições tão edénicas da infância tradicional angolana?...

b) *O status* da criança vulgar-comum na literatura de tradição oral e na sociedade tradicional angolana

O filho, porque criança, dá azo a que a expectativa se maximalize, longe das futuras frustrações que poderão advir.

A criança goza de um *status* importantíssimo, em virtude de, por um lado, ser geradora de expectativas de mais-valia: ajuda material aos pais, em vida, e asseguradora de funeral, após a morte; por outro lado, a família sem filhos não "continua", e os pais sem filhos tornam-se defuntos que nunca poderão atingir o estado de "antepassados". A importância dos filhos é tal que atribui-se sempre prioridade à fonte geradora (mãe), em caso de perigo de morte.

Apesar dos filhos serem considerados a maior riqueza, os tremendos custos, especialmente por parte da mãe, não são olvidados:

A procriação, se não te comer no parto, come-te fora dele.

(provérbio ambundo, Ribas, 1979:178)

c) A criança no microcosmo familiar e extra-familiar

O par mãe-filho é indissociável, formando uma unidade de sentimentos recíprocos tão forte que a "mãe de filhos pequenos" é como "lacrau com crias".

Não são, porém, omitidos os receios, as arrelias, o ter de se "iludir a fome" com velhas cantigas de "enganar e embalar".

A teia de relações entre irmãos e companheiros, da mesma idade ou mais velhos, constitui a "escola da vida", onde se aprendem as "regras de jogo" das hierarquias etárias e da lei do mais forte. Talvez, por isso, seja tão apetecido ter um irmão a quem "carregar" ou a/em quem "mandar", ou um companheiro com quem "aprender".

As relações entre a criança e os adultos, incluindo os chefes, são de respeito, distanciamento e diferenciação.

As consequências desastrosas dos actos infantis serão quase sempre suportadas pelos pais ou "mais-velhos", sendo estes que transmitirão a "herança" — sempre prestimosa, mesmo que não o aparente — que os futuros herdeiros deverão respeitar.

d) As características da criança vulgar-comum na literatura angolana de tradição oral

As características presentes nos *Corpora* são maioritariamente “positivas” — esperta/inteligente; atenta/vigilante; potencialmente forte; corajosa; dotada de “amor filial”... — em relação às “negativas”: desobediente, irrequieta, ingénua, ladra, frágil... O balanço positivo será maior, se somarmos a estas “qualidades” as referidas nas narrativas em relação a outros tipos de criança, designadamente as que dizem respeito aos “heróis”, sejam eles mago-autotélicos ou não, gémeos ou órfãos.

Difícil será extrair ilações deste mosaico tão diferenciado de características, se tivermos em conta que muitas das “formas de texto” da tradição oral pretendem ser, além de lúdico-catárticas, exemplares, através da patenteação dos comportamentos desviantes a evitar.

e) A educação da criança vulgar-comum na literatura de tradição oral e na sociedade angolana

Segundo os textos etno(gráficos)lógicos, compete, na generalidade, à mãe a educação da criança até aos 6-7 anos, transitando, a partir daí, para a responsabilidade dos pais (ou familiares) do mesmo sexo. Realiza-se através do exemplo, sendo raros os castigos, realidade esta que a literatura de tradição oral contradiz.

A diferenciação dos papéis (a actual problemática do “género”) é feita logo à nascença, embora a sua distinção completa só se efectue nos ritos de puberdade. Esta demarcação de papéis é esporadicamente invertida nalguns grupos, como os Ambós, através de condutas de “travestismo”, realizadas pelos jovens de ambos os sexos, na fase dos ritos — a despedida carnavalesca do diferente, doravante, social e “sexualmente”, inalterável.

As virtudes mais valorizadas são a obediência, as “boas maneiras”, a generosidade e a hospitalidade.

Pretende-se que a educação seja o mais precoce (“atempada”) possível e em contextos fortemente comunitários, assumam estes as formas que assumirem.

f) A vitimização da criança vulgar-comum na literatura angolana de tradição oral

Se as características “positivas” e “negativas” da criança fornecem um mosaico variegado, o fenómeno da vitimização a que a criança vulgar-comum é submetida, a nível familiar e extra-familiar — acrescida nos casos da criança

escrava, órfã e dos gémeos abandonados — vai "sobredeterminar" o referido mosaico, tomando-o duplamente ambíguo, como se a sociedade (e os seus contadores) necessitassem de retratar quase exaustivamente um ser que foge, por natureza, à descrição.

A função educativa da literatura de tradição oral ajuda, sem dúvida, a compreender a complexidade e ambiguidade desse "ser poliédrico", mas não consegue, de facto, explicá-las de modo completo.

4. As grandes matrizes paradigmáticas da criança angolana

Pretendeu-se inserir, na medida do possível, as várias tipologias e subtipologias da criança num conjunto de matrizes paradigmáticas que permitissem visualizar as grandes linhas configurativas da criança "retratada" na literatura angolana de tradição oral.

Foram delineadas três grandes matrizes paradigmáticas da criança na literatura tradicional angolana:

- a) A matriz paradigmática humana que engloba os subtipos de criança vulgar: escrava, guerreira, órfã, comum.
- b) A matriz paradigmática sobre-humana, abrangendo os subtipos de criança invulgar: deficiente, gémeos, mago-autotélica, mago-não-autotélica.
- c) A matriz paradigmática infra-humana, compreendendo o subtipo de criança invulgar-monstro.

Natural será que uma ou duas destas matrizes paradigmáticas se mostrem dominantes em relação à(s) outra(s), minoritária(s), ou coexistam em simultaneidade, separadas por fronteiras pouco nítidas e, até, permealizáveis.

Em relação a cada matriz paradigmática, procurou patentear-se a imagética simbólica que correspondesse a cada uma delas, através do conjunto de traços referidos por Judith Schlanger¹: (pre)conceitos, atitudes e valores em relação à criança. Partiu-se do princípio que a criança é o que os adultos "fazem dela", isto, ideiam e/ou enformam.

¹ Schlanger, 1976:146, in Eduardo Prado Coelho, 1982:63.

4.1. A gêmeidade² como supermatriz configuradora das matrizes infra-humana, supra-humana e humana da criança angolana

Partindo do conceito de monstro em José Gil (1994) e de gémeo em Lévi-Strauss (1986), foi estruturada uma supermatriz, em que os gémeos representariam o limite "superior" (supra-humano) e o "inferior" (infra-humano) da criança humana (vulgar). Funcionariam, deste modo, como uma espécie de supermatriz paradigmática enformadora, modelo de pensamento, em virtude de, pela sua dualidade, ambiguidade e anormalidade, originárias, representarem o pólo sobre-humano e infra-humano, contendo, além disso, o "espaço intermédio humano" (matriz paradigmática humana): uma supermatriz gemelar que mais não seria que uma "bissectriz" imaginária de traçado não-rectilíneo, oscilando entre o ângulo "superior" (supra-humano) e o ângulo "inferior" (infra-humano), configurando nestes trajectos oscilatórios a matriz humana. Deste modo, no ângulo "superior", apareceriam, por ordem ascendente, os deficientes, os mago-não-autotélicos, mago-autotélicos e os próprios gémeos; no ângulo "inferior", por ordem descendente, a criança-ogro, a criança teratológica, a criança-animal e, por último, os gémeos.

Poder-se-ia até afirmar que as crianças "invulgares"/"anormais", especificamente os gémeos, desempenhariam o papel metafórico de "monumentos religiosos", *topoi/loca religiosa* (*mahamba*³ hierofânicos, concentrados), disseminados pelo território angolano.

² Les parents des jumeaux sont les médiateurs entre deux pôles antinomiques et complémentaires: le ciel et la terre dans le premier cas, village et forêt dans le second. Mais en passant de l'axe cosmogonique horizontal à l'axe vertical, l'horreur et la crainte que suscitent les jumeaux grandit [...] La personne ne se réfère donc en aucune façon à l'idéal gémellaire dans le monde bantou. Bien au contraire, et quel que soit le jeu dialectique auquel ils se prêtent, les jumeaux menacent d'abord l'ordre culturel ou cosmogonique, soit qu'on interprète le mystère de leur origine comme une projection monstrueuse de l'animalité dans la fécondité féminine, soit qu'on y déchiffre un rapprochement du ciel et de la terre. (Luc de Heusch, 1981:240-241).

³ "*Hamba*, [Quioco, *Hamba*, n. (-; ma-)]. Espírito de um antepassado. (*G.D.*: maamba)". (Barbosa, 1990:694). "*Hamba* (pl. *mahamba*) — Object de culte habité par l'esprit d'un ancêtre" [Isabel de Castro Henriques, 1995 (tomo II):287]. Sobre a complexidade do conceito dos *mahamba*, veja-se: Mesquitela Lima, 1971:79; M. L. Rodrigues Areia, 1985:417-437. Este último autor (*ibidem*:438-439) conclui que: "L'analyse que nous venons de faire des *mahamba* nous permet maintenant de les distinguer avec plus de précision d'autres forces, notamment des forces maléfiqes *wanga*, auxquelles elles s'opposent en quelque sorte, et d'un pouvoir bénéfique plus général et plus abstrait avec lequel on les confond parfois, la *umbanda*."

Os seres invulgares (sobre-humanos ou infra-humanos, dotados de poder mágico) funcionariam, não já tanto como uma "parangona" de "valores", "mas de uma certa circulação de energia e de vida no seio do grupo uma decuplicada libertação de energia sobre o campo social."⁴

Os gémeos, *lato sensu*, seriam os pólos de contacto com os antepassados, "superiores" e "inferiores", benéficos e maléficos, assegurando uma circulação permanente da "força" com "retroalimentação", funcionando como intermediários dos vivos e dos mortos.

Constituiriam uma espécie de "fundo aporético, expresso nas grandes oposições categoriais e conceptuais e modulado diferentemente em cada situação de conhecimento"⁵, permitindo-nos, simultaneamente, com a sua "ambivalência" e "liminalidade", aguçar a "sensibilidade domínio do diverso e o entendimento [...] domínio do idêntico."⁶

A gemeidade abriria caminho, deste modo, no domínio gnoseológico-sensitivo, para uma visão adequada da diversidade infantil (uma das diferentes faces do real), mercê do facto de constituir uma "anormalidade", desencadeadora da "imaginação"⁷.

A gemeidade poderia constituir, deste modo, o "ângulo máximo" da nossa visão da diversidade tipológico-paradigmática infantil, angolana, e o "ângulo mínimo" da sua identidade/unidade: a face única da gemeidade *versus* a gemeidade multiface...

De fait si les *mahamba* représentent pour les Cokwe quelque chose de similaire à ce que les Edo appellent "les morts incorporés", puisque ne devient *hamba* que le *cizulye* d'une personne qui "meurt bien" [Nota do autor: "Les Cokwe opposent ceux qui 'meurent bien' (mort naturelle) à ceux qui 'meurent mal' (mort violente); seuls les premiers peuvent devenir *mahamba*»]. Les *wanga* sont des forces agissant en sens inverse, surtout quand le sorcier les utilise pour 'manger des vies'. Et ainsi ils empêchent un homme de rejoindre ses ancêtres. L'*umbanda* est au contraire un don bénéfique, cultivé par les devins et les guérisseurs pour le bien des personnes et non pas contre elles".

⁴ José Gil, 1988:37.

⁵ Fernando Gil, 1984:482. O autor refere-se aos monstros.

⁶ *Idem, ibidem*:502.

⁷ "[...] imaginação [que] concilia identidade e diferença, de tal modo que a diferença não é *já* a diversidade sem regra e a identidade não é *ainda* a unidade realizada. É em si mesma um proto-esquema, a articulação viva de uma sensibilidade e de um entendimento em acto. [...] a *identidade* de cada coisa é dada pela sua diferença relativamente ao sistema de todas as coisas. Cada coisa é uma concentração expressiva de afinidades com outras coisas [...]" (Fernando Gil, 1984:501-502) [Itálico do autor].

5. Conclusão

P – A cheia da inundação corre, devagar, passando pelo canavial de caniços.
[*Efundya kali kungulula 'nenge*].

R – A carne muito gorda passa, com dificuldade, na língua. [*Ombelela ya nyina kai tokola 'laka*].

(adivinha ambó, Mittelberger, 1991:80).

Não pretendeu esta tese constituir uma obra completa, mas um percurso de aperfeiçoamento contínuo que possibilitasse a outros especialistas trilharem o caminho com mais algumas ferramentas e perspectivas.

As principais dificuldades, algumas delas insuperáveis, com que nos debatemos poderão ser sintetizadas nos seguintes pontos:

- a) Extensão dos *corpora*, explicitada no ponto 3.1.
- b) Delimitação do conceito, de si tão fluído, de criança angolana.
- c) Prossecução de um estudo comparativo da criança na literatura angolana de tradição oral e da criança na sociedade tradicional angolana, tendo em conta a complexidade etnolingüística inerente a ambas.

d) As fronteiras pouco nítidas entre as crianças das várias (sub)tipologias e matrizes paradigmáticas que somente a abrangência gemelar parece superar.

Em jeito de conclusão, poder-se-á afirmar que os "pontos fortes" da tese serão, em nossa opinião, os seguintes:

1. Constituição e ordenação de um conjunto abrangente e actualizado (1996, inclusive) de *corpora*, abrangendo a maioria das "formas de texto" da tradição oral angolana, impressa em Português.
2. Feitura duma tese que, ao contrário das habituais de pendor étnico, perseguiu um objectivo pluriétnico.
3. Estabelecimento de um contraponto entre a criança angolana "espelhada" na literatura de tradição oral e a criança da sociedade tradicional angolanas, descrita pelos etnólog(graf)os.
4. Construção, fundamentada em critérios objectivos, de uma tipologia da criança, numa primeira fase, posteriormente, englobada em matrizes paradigmáticas, coroadas por uma hipótese final de gemeidade, como supermatriz configuradora da criança angolana.

GRUPOS ÉTNICOS DE ANGOLA

(J. V. Martins, 1993:32) [Adaptado]

(Formas de escrita)

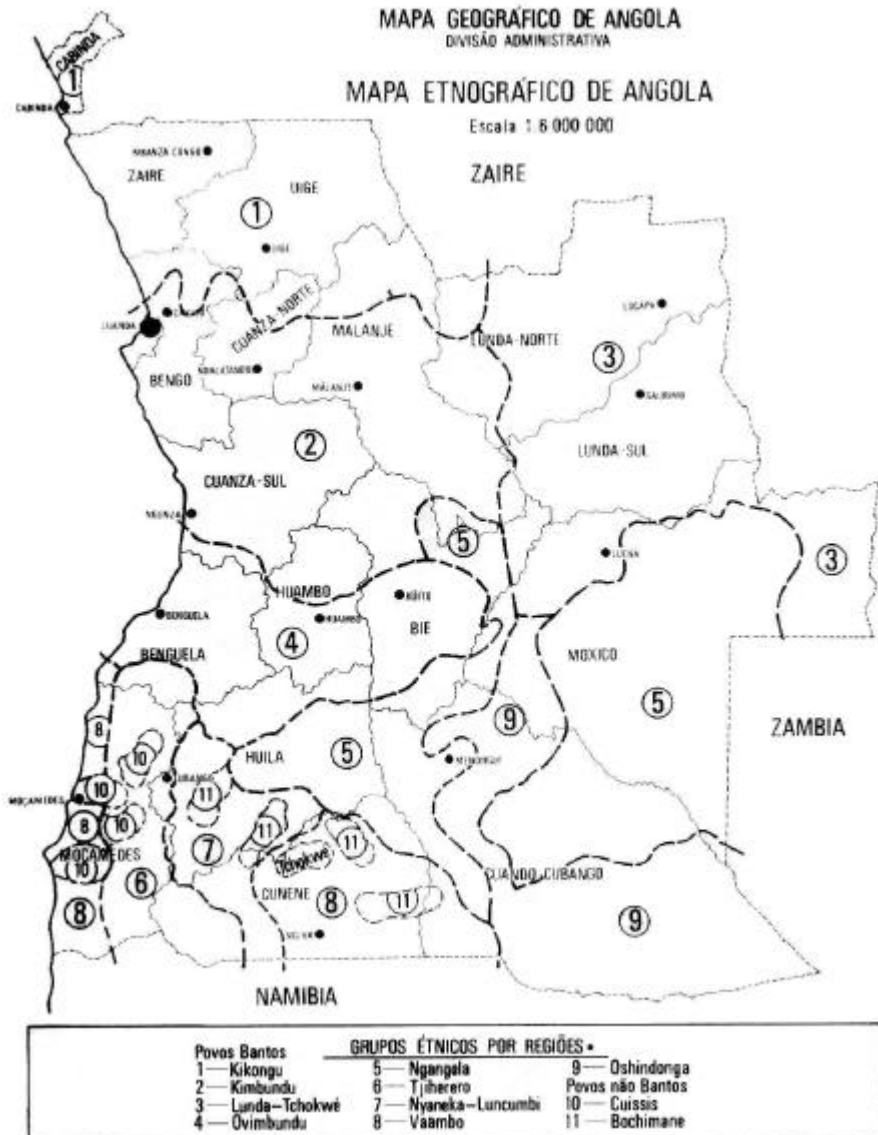
Corrente em português	Correcta em português	Correcta em língua nativa	Corrente em português	Correcta em português	Correcta em língua nativa
POVOS BANTOS					
<p>Grupo Conguês (Língua = kicongo) (<i>Bakongo-Kikongo</i>)</p>			<p>Grupo Ganguela (Língua = tchinganguela) (<i>Ngangela-Tchingangela</i>)</p>		
1 - Maiombes	Iombes	<i>Bayombe</i>	52 - Luimbés	Luimbés	<i>Maluimbi (Valuimbi)</i>
2 - Baviis	Vilis	<i>Bavili</i>	53 - Gongueiros	Gongueiros	<i>Vangongelo</i>
3 - Bassundis	Sundis	<i>Basundi</i>	54 - Nhembas	Nhembas	<i>Vanyemba</i>
4 - Baluangos	Luangos	<i>Baluango</i>	55 - Ganguelas	Nganguelas	<i>Vangangela</i>
5 - Balinges	Linges	<i>Balinji</i>	56 - Ambuelas	Mbuelas	<i>Vambwela</i>
6 - Bacongos	Congos	<i>Bakongo</i>	57 - Luenas	Luenas	<i>Malwena (Tulwena ou Baluvalé)</i>
7 - Bauoios	Uoios	<i>Bawoyo</i>	58 - Luchazes	Luchazes	<i>Baluchazi</i>
8 - Bassolongos	Solongos	<i>Basolongo</i>	59 - Bundas	Bundas	<i>Balunda</i>
9 - Baxicongos	Congos	<i>Bachikongo</i>	60 - Bacangalas	Cangalas	<i>Vakangala</i>
10 - Bazombos	Zombos	<i>Bazombo</i>	61 - Camaches	Maches	<i>Vamachi</i>
11 - Bacanos	Canos	<i>Bakano</i>	62 - Valauma	Iaumas	<i>(Akwakwando)</i>
12 - Bassossos	Sossos	<i>Basoso</i>	63 - Valuios	Luios	<i>Vayauma</i> <i>Valuyo</i>
13 - Maiacas	Iacas	<i>Bayaka</i>			
14 - Mussucos	Sucos	<i>Basuku</i>			
<p>Grupo Ambundo (Língua = quimbundo) (<i>Ambundu-Kimbundu</i>)</p>			<p>Grupo Herero (Língua = tchihelelo) (<i>Helelo-Tchihelelo</i>)</p>		
15 - Dembos	Dembos	<i>Jindembo</i>	64 - Dimbas	Ndimbas	Ovandimba
16 - Maungos	Hungos	<i>Bahungu</i>	65 - Chimbás	Himbás	Ovahimba
17 - Calandulas	Landulas	<i>Balandula</i>	66 - Chavícuas	Chavícuas	Ovathyavikwa
18 - Negolas	Ngolas	<i>Angola</i>	67 - Cuanhocas	Cuanhocas	Ovakwanyoka
19 - Gingas	Gingas	<i>Ajinga</i>	68 - Mucubais	Cuvales	Ovakuvale
20 - Holos	Holos	<i>Aholo</i>	69 - Guendelengos	Guendelengos	Ovanguendelengo
21 - Bondos	Bondos	<i>Mbondo</i>			
22 - Bångalas	Mbangálas	<i>Imbangala</i>	<p>Grupo Nhaneca - Humbe (Língua = olunianeca) (<i>Nyanyeka-Olunyaneka</i>)</p>		
23 - Quissamas	Quissamas	<i>Kisama</i>	70 - Mumuilas	Muilas	Ovamwila
24 - Libolos	Lubolo	<i>Lubolo</i>	71 - Gambos	Ngambos	Ovangambwe
25 - Hacos	----	----	72 - Humbes	Humbes	Ovankhumbi
26 - Songos	Songos	<i>Asongo (Masongo)</i>	73 - Dongoenas	Ndongoenas	Ovandongwena
27 - Quibalas	Quibalas	<i>Ibala</i>	74 - Hingas	Hingas	Ovahinga
28 - Mussendes	Sendes	----	75 - Cuãncuas	Cuãncuas	Onkhwankhwa
<p>Grupo Lunda-Quico (Língua = lunda e quioica) (<i>Lunda-Tchokwe</i>)</p>			76 - Handas da Mupa	Handas da Mupa	Ovahanda
29 - Lundas	Lundas	Tulunda	77 - Handas do Q.	Handas do Quipungo	Ovahanda
30 - Quiocos	Quiocos	Tutchokwe	78 - Quipungos	Quipungos	Ovatchipungu
34 - Cacongos	Congos	Tukongo	79 - Quilengues-H.	Quilengues-Humbes	Ovatchilenge-Humbi
35 - Camatapas	Matapas	Tumatapa	80 - Quilengues-M.	Quilengues-Musós	Ovatchilenge-Muso
36 - Xinjes	Xinjes	Maxinji (Tuxinji)			
37 - Minungos	Minungos	Tuminungu	<p>Grupo Ambó (Língua = tchicuanhama) (<i>Ambo-Tchikwanyama</i>)</p>		
<p>Grupo Luba (Língua = tchiluba) (<i>Baluba-Tchiluba</i>)</p>			81 - Evales	Vales	Ovavale
31 - Bena Mais	Mais	Bena Mai	82 - Cafimas	Cafimas	Ovakafima
32 - Bena Luluas	Luluas	Bena Lulua	83 - Cuanhamas	Cuanhamas	Ovankwanyama
33 - Balubas	Lubas	Baluba	84 - Cuamatos	Cuamatos	Ovakwamatwi
			85 - Dombondolas	Dombondolas	Ovadombondola
			Grupo Xindonga		

(...)

Correcta em português		Correcta em língua nativa	Corrente em português	Correcta em português	Correcta em língua nativa
Grupo Ovimbundo (Língua = umbundo) (<i>Ovimbundu-Umbundu</i>)			86 - Cuangares	Cuangares	Vakwangali
			87 - Candundos	Ndundos	Vandundo
			88 - Cussos	Cussos	Vakuso (Mambukuso)
38 - Amboins	Mboins	Vambui	89 - Vanhengos	Nhengos	Vanyengo
39 - Pindas (Mupindas)	Pindas Seles	Vapinda Vasele	90 - Diricos	Diricos	Ovadiliku (Vadiliku)
40 - Seles	Sanjis	Ovisanji			
41 - Sanjis	Bailundos	Vambalundu			
42 - Bailundos					
43 - Dombes	Dombes	Vandombe			
44 - Quiacas	Quiacas	Vatchyaka			
45 - Huambos	Huambos	Vauambo			
46 - Bienos	Vienos	Vavyie			
47 - Hanhas	Hanhas	Vaanya			
48 - Cacondas	Cacondas	Vakakonda			
49 - Galangues	Galangues	Vangalangi			
50 - Sambos	Sambos	Vasambo			
51 - Gandas	Gandas	Vanganda			
POVOS NÃO BANTOS					
			91 - Cuisses	Cuissis	Ovakwisi
			92 - Cuepes	Cuepes	Ovakwepe
			93 - Cungues (Bochimanes)	Cungues	!kung

MAPA ETNOGRÁFICO DE ANGOLA

(J. V. Martins, 1993:37)



Referências

- ACTES (1981) – *Colloque International sur "La notion de personne en Afrique Noire"*. Paris 11-17 Octobre 1971. Paris: Éditions du CNRS.
- AGUESSY, Honorat (1985:44-54) – "Tradition - orale modèlo de culture". In *COLLOQUE* (1985).
- AREIA, M. L. Rodrigues de (1985) – *Les symboles divinatoires, analyse socio-culturelle d'une technique de divinations des Cokwe de l'Angola (Ngombo ya Cisuka)*, Instituto de Antropologia, Pub. do Centro de Estudos Africanos - 4, Universidade de Coimbra (458 fotografias).
- BARBOSA, Adriano C. (1973) – *Folclore angolano. Cinquenta contos quiocos (Texto bilíngue)*. Luanda: Col. Memórias e Trabalhos do Instituto de Investigação Científica de Angola (IICA) 9.
- BARBOSA, Adriano C. (1990) – *Angola imagens e mensagens contos tradicionais*. Santo Tirso: Mosteiro de Singeverga, Ed. Ora & Labora.
- BULL, Benjamim Pinto (1989) – *O crioulo da Guiné-Bissau: filosofia e sabedoria*. Lisboa: ICALP/ME/INEP.
- CACUEJI, J. Samuila (1987) – *Viximo (Oratura Luvale) contos adivinhas vozes de animais (Luvale/Português)*. Lisboa: União de Escritores Angolanos/Ed. 70.
- CHATELAIN, Heli (1888/89) – *Kimbundu Grammar. Grammatica elementar do Kimbundu ou língua de Angola*. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt.
- COELHO, Eduardo Prado (1982) . *Os universos da crítica. Paradigmas nos estudos literários*. Lisboa: Edições 70.
- ESTERMANN, Carlos (1960a) – *Etnografia do Sudoeste de Angola. Os povos não-Bantos e o Grupo Étnico dos Ambós*, I vol. (2.^a ed. corr.). Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, Memórias Série Antropológica e Etnológica n.º 4.
- ESTERMANN, Carlos (1960b) – *Etnografia do Sudoeste de Angola. Grupo Nhaneca-Humbe*, II vol., 2.^a ed. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, Memórias, Série Antropológica e Etnológica n.º 5.
- ESTERMANN, Carlos (1961) – *Etnografia do Sudoeste de Angola. O Grupo Étnico Herero*, III vol. Lisboa: Memória da Junta de Investigações do Ultramar, N.º 30.
- ESTERMANN, Carlos (1983) – *Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro). Colectânea de artigos dispersos*, 2 vol.s (colig. Geraldes Pereira e apres. Manuel Viegas Guerreiro). Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical.

- ESTERMANN, Carlos; SILVA, A. Joaquim da (col.) (1971) – *Cinquenta contos Bantos do Sudoeste de Angola*. Luanda: Col. Memórias e Trabalhos do Instituto de Investigação Científica de Angola (IICA).
- FONSECA, António (1984) – *Sobre os Kikongos de Angola*. Lisboa: Col. Estudos/Autores Angolanos - 8, Edições 70.
- GAUTHIER, Robert (1987:9-41) – "Pour l'interprétation d'une ethno littérature". *Cruzeiro Semiótico* N.º 7, Julho 1987. Porto: Associação Portuguesa de Semiótica.
- GIL, Fernando (1984) – *Mimésis e negação*, Lisboa: Col. Estudos Gerais/Série Universitária, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- GIL, José (1994) – *Os monstros*. Lisboa: Quetzal Editores.
- GÖRÖG-KARADY, Veronika; SEYDOU, C. (1982:24-34) – "Conte, mon beau conte, de tous tes sens dis-nous quel est le vrai". *Littérature. Les contes oral/écrit. Théorie/Pratique*, Février 1982.
- GÖRÖG-KARADY, Veronika.; BAUMGARDT, Ursula (1988) . *L'enfant dans les contes africains, études et textes réunis*. Paris: CILF/EDICEF.
- GUERREIRO, M. Viegas (1966) – *Os Macondes de Moçambique 4, sabedoria língua literatura e jogos*. Lisboa: Centro de Estudos de Antropologia Cultural.
- GUERREIRO, M. Viegas (1968) – *Bochimanés !KHU de Angola*. Lisboa: IICA/JIU.
- GUERREIRO, M. Viegas (1974) – *Novos contos macondes*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- HENRIQUES, Isabel de Castro (1995) – *Commerce et changement en Angola au XIX siècle. Imbangala et Tshokwe face à la modernité*, tome I e II. Paris: Éditions L'Harmattan.
- HEUSCH, Luc de (1981) – "Le sorcier, le Père Tempels et les jumeaux mal venus", in *ACTES* (1981:231-242).
- JESI, Furio (1988) – *O mito*. Lisboa: Editorial Presença (ed. orig. 1977, trad. Lemos de AZEVEDO).
- JUNOD, Henrique-Alexandre (1975) – *Cantos e contos dos Rongas*. Série C (Ciências Humanas) 12, da Separata Memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique, IICM, (trad. de Leonor C. MATOS).
- LÉVI-STRAUSS, C. (1986) – *O totemismo hoje*. Lisboa: Edições 70.
- LIMA, Mesquitela (1971) – *Fonctions sociologiques des figures de culte hamba dans la société et dans la culture Tshokwe (Angola)*. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola (IICA).

- MARTINS, João Vicente & SICARD, H. (1971) – *Museu do Dundo. Subsídios para a história, arqueologia e etnografia dos povos da Lunda - Contos Quiocos*. Lisboa: Companhia dos Diamantes de Angola (DIAMANG)/Serviços Culturais/Dundo-Lunda-Angola.
- MARTINS, João Vicente (1993) – *Crenças, adivinhação e medicinas tradicionais dos Tutchokwe do Nordeste de Angola*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical/MPAT/SECT.
- MARTINS, Joaquim (1968) – *Sabedoria cabinda símbolos e provérbios*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- MEYER, G.; GÖRÖG-KARADY, Veronika (dir.) (1984) – *L'enfant rusé et autres contes bambara (Mali et Sénégal Oriental)* Paris: CILF/ EDICEF.
- MITTELBERGER, Charles (1991) – *A Sabedoria do Povo Cuanhama em provérbios e adivinhas. Cunene-Angola*. Lisboa (?): Edição L.I.A.M.
- N'DA, K. Pierre (1978) – *Le personnage de l'enfant dans les contes africains*. Lille: Thèse, doctorat de 3.º cycle, Université de Lille III.
- NTONDO, Zavoni (1989) – "Situação actual da literatura angolana: o caso da comunidade etnocultural Kongo". *Mensagem 2*, Festival Nacional de Cultura, Setembro 1989:35-45.
- OLIVEIRA, Américo Correia de (1998) – *A criança na literatura angolana de transmissão oral impressa em Português*, Policopiado, 2 vol., Dissertação de Doutoramento em Literatura Africanas de Expressão Portuguesa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- OLIVEIRA, Américo Correia de (2000) – *A criança na literatura tradicional angolana*, tomo I e II, Leiria, Magno Editora
- REDINHA, José, P. D. (1975b) – *Etnias e culturas de Angola*. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola.
- RIBAS, Óscar (1962) – *Misoso - Literatura tradicional angolana*. 2.º vol. Luanda: Tipografia Angolana.
- RIBAS, Óscar (1964) – *Misoso - Literatura tradicional angolana*. 3.º vol. Luanda: Tipografia Angolana.
- RIBAS, Óscar (1979) – *Misoso - Literatura tradicional angolana*, 1.º vol., 2.ª ed. (1.ª ed., 1961). Luanda: I.N. - U.E.E.
- ROSÁRIO, Lourenço J. da C. (1989) – *A narrativa africana de expressão oral (Transcrita em Português)*. Lisboa/Luanda: Col. Diálogo, Série Convergência, Co-Edição ICALP - ANGOLÊ.
- SHORTER, A. (1974) – *Culture africaine e cristianesimo*, Nigrizia, Bologna.
- SILVA, António Joaquim da (1989) – *Provérbios em Nyaneka*. Lisboa: Serviço da Cáritas Portuguesa.

VALENTE, José Francico (1973) – *Paisagem africana (Uma tribo angolana no seu fabulário)*. Luanda: (IICA).

VANSINA, Jan (1966?) – *La tradición oral*. Barcelona: Editorial Labor.

VANSINA, Jan (1982) – "A tradição oral e a sua metodologia, in KI-ZERBO, J. (dir.) (1982:157-218) – *História Geral de África I. Metodologia e Pré-História de África*. S. Paulo: Ed. Ática/UNESCO.

VAZ, José Martins (1969) – *Filosofia tradicional dos Cabindas, através dos seus textos de panela, provérbios, adivinhas e fábulas*, 1.º vol., Lisboa: Agência Geral do Ultramar.